

humanitas

Vol. XLIII-XLIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XLIII-XLIV

HUMANISMO PORTUGUÊS
NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL
(Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991)

ACTAS



COIMBRA

MCMXCI - MCMXCII

ANDRÉ DE RESENDE E O SEU ASTURJÃO AFRICANO
(O ANGULO AMAZI DO DE ANTIQUITATIBUS LUSITANIÆ)

R. M. ROSADO FERNANDES

O mundo humanista do século XVI animou-se inegavelmente com a discussão ictiológica sobre o esturjão, *sturio*, uma vez que este nome recente e adaptado na Idade Média do alemão *Stör* em nada se assemelhava com ictiónimo algum legado pelos naturalistas da Antiguidade Clássica. Embora o peixe fosse conhecido, a verdade é que o seu nome não era dentro dos cânones clássicos e, por isso, levantava-se o problema quanto à identificação do peixe e do seu nome com um nome e peixe conhecidos dos antigos sábios, entre os quais sobressai Plínio, além de Aristóteles, Galeno e tantos outros. Em Portugal toma parte na acesa e académica *disputatio* o nosso André de Resende, que lhe dedica várias páginas, mais precisamente cerca de onze, na edição eborense de 1593, do *De antiquitatibus*, que 21 anos depois da sua morte irá ser dada a lume. Levado por acendrado patriotismo e por notório mau humor recusa o nosso humanista toda e qualquer identificação que não satisfaça a tese científica que engendrou. Para ele o *sturio* devia em primeiro lugar ser lido *asturio*, porque se encontra no rio Minho que nasce nas Astúrias, como já o bispo de Viseu, D. Miguel da Silva, numa carta ao Papa tinha sugerido. Para além disso, o *asturjão*, é assim que devemos chamar o peixe, se aceitarmos *asturio*, é denominado em português vernáculo de *solho* (ou *solho-rei*) e *solho* deve derivar, eis a ideia mestra da tese resendiana, de *suillum* (*porquinho*), termo consagrado nas *Etimologias* de S. Isidoro de Sevilha. O *asturjão* é pois o *porco do mar* que necessariamente só se pode consubstanciar na forma da toninha ou seja do golfinho. Esta convicção leva-o a recusar colericamente a identificação proposta por Guilherme Rondelet, médico da universidade de Montpellier, que muito acertadamente escolhera de todas as identificações possíveis de *sturio* a que correspondia ao *acipenser* latino e que séculos

depois virá a ser consagrada por Lineu na denominação de *acipenser sturio* ainda hoje aceite pelo mundo científico⁽¹⁾.

Num assunto ictiológico que se tinha abertamente internacionalizado convinha, porém, ao nosso humanista avançar com algumas informações que prestigiassem o seu país e que dessem a conhecer, se possível, ao mundo de então a gesta portuguesa na África não só no que respeitava os feitos diplomáticos e guerreiros mas, neste caso, no que respeitava as potencialidades de novos conhecimentos científicos que a exploração de nações e espaços exóticos iria necessariamente consigo trazer. Não lhe bastava reivindicar somente que o nome de *esturjão* passasse a *asturjão*, era-lhe essencial ir mais longe, e por isso dá a conhecer à comunidade científica europeia uma identificação complementar nova que julgamos nunca ter sido estudada até hoje. Já no finalizar da sua bem documentada lição ictiológica, Resende apresenta um excursó sobre o Congo e sobre a fauna do seu rio, o Zaire, que ele examina com pormenor do ponto de vista geográfico e não esquecendo o *asturio* identifica o tão discutido esturjão com um estranho peixe daquelas paragens que dá pelo nome de *angulo amazi*. Segundo Resende tal denominação significa, na língua dos indígenas do Congo, "porco das águas", ou seja, o mesmo que o "solho" lusitano⁽²⁾.

(1) Esta questão ictiológica, que apaixonou o mundo científico de quinhentos, foi tratada pelo Autor em "Solho, Esturjão ou *Asturião no Guadiana (Reflexos de um Problema Ictiológico no Humanismo Quinhentista)", in *Estudos em Homenagem a Mariano Feio*, Lisboa, 1986, pp. 627-648.

(2) André de Resende, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Eborae, 1593, pp. 64-65: "O grande reino do Congo na Etiópia converteu-se com os seus reis e pela acção e esforço dos mui piedosos reis de Portugal de uma crença idólatra à religião de Cristo, na qual continua com admirável devoção. Segundo dizem os habitantes é dividido o reino por um braço do Nilo, desmembrado logo nas próprias nascentes. É tão grande o seu caudal e tal a corrente, que o rio se precipita mais do que corre, excedendo a sua largura os 12.000 passos e tendo o seu leito incomensurável profundidade. Nele se criam os mesmos peixes e os mesmos animais que no braço que corre através do Egipto, sendo estes contudo mais compridos e de maior porte corporal. Aqui no Congo encontram-se em proporções gigantescas não só crocodilos e hipopótamos, como ainda, por todo o rio, grande número de outros peixes vulgares no Nilo. Há também grande abundância de *asturjões*, que são no entanto pertença do rei. É pois um crime capital não levar qualquer peixe "real", que se capture, ao rei e é este que oferece a dádiva a quem entender. Chamam-lhe *angulo*, ou seja, *porco*, mas para manter distinção, *angulo amazi*, isto é, *porco das águas*.

Daqui formulo duas teorias. A primeira é de que os oxirrinco do Nilo parecem ser asturjões capturados neste braço etiópico. Com efeito, tanto aqui como lá penetram e nascem os peixes habituais no Nilo, bem como se encontra a mesma fauna. Esta teoria não pode parecer fútil, visto que Plínio a utiliza por duas vezes no capítulo IX do livro V, onde ao falar da nascente do Nilo do lago Nilides nos diz que 'aí se encontram peixes como os aletetas, os coracinos, os siluros e também o crocodilo.' Dessa zona, graças a esta teoria, julga-se nascer o Nilo, o qual logo a seguir e depois de ficar escondido durante alguns dias de caminho vai irromper, diz-nos Plínio, pelo território dos Masséssilos, bem como nos

Ao tratar da geografia do Congo e do seu rio, Resende limita-se a falar do grande "rio do Congo", mas não o denomina nem de Rio do Padrão⁽³⁾ nem de Zaire, o *Zairus* de Jerónimo Osório⁽⁴⁾. Tal como para rio Çanaga, o Senegal de hoje, considera-o Resende como mais um braço do Nilo e utiliza para a sua identificação geográfica, como se pode ver pela leitura do texto resendiano, as informações dadas por Plínio, autoridade que não tem sequer a pretensão de emendar⁽⁵⁾. Muito pelo contrário utiliza os mesmo indícios aproveitados por Plínio para a identificação do rio como braço do Nilo, como seja a fauna fluvial, a mesma nos rios Nilo, Çanaga e do Congo. Refere-se inclusivé à fonte Negra que no texto pliniano aceite pelo nosso humanista tem a forma de *Nigris* para o masc. lat. *fons*, ao passo que a lição pliniana mais correcta nos dá *Niger* como o nome provável da fonte que o Nilo encontra não longe da Mauritània, e que o coloca na proximidade do rio Senegal e muito mais provavelmente do rio Niger. Este cenário geográfico pouco preciso integra-se na

comunicam, que se pode reconhecer a identidade do Nilo 'com o argumento de ali existir a mesma fauna.' De novo se vai esconder durante vinte dias de caminhada pelo deserto até finalmente atingir os Etíopes mais próximos numa fonte chamada Nigris. A prova de que se divide em braços, e deixo de lado o Egipto, é o chamado rio Çanaga onde pulula a mesma fauna e que os nossos compatriotas descobriram derivar do Nilo.

A outra teoria das duas que disse serem-me sugeridas é, por exemplo, o nome de porcos que lhes dá Isidoro ser confirmado com fundamentos mais sólidos pelo testemunho dos povos Etiópicos. Mas, e finalmente para terminar, se se julgar que usámos de conjecturas de pouco peso e até se descobrir a verdade, deixemos que os Italianos e as restantes nações, usando de um nome recente, lhes chamem esturjões a seu bel-prazer, ou então *asturjões*, derivado do rio Minho nas Astúrias, como propôs o nosso D. Miguel da Silva ao Papa Clemente VII. Chamemos-lhes nós, contudo, porcos marinhos ou simplesmente *soilhos*, se recearmos a equívocidade, por existirem outros porcos marinhos quer em Plínio quer em Estrabão, usando de um nome já com mil anos, mais antigo do que a época de Isidoro, característico e vernáculo da nossa Hispânia. Mas isto já são pormenores excessivos."

- (3) Rio do Padrão é o nome português que inicialmente é dado ao Zaire. João de Barros, *Ásia*, déc. I, Liv. III, cap. III: "muito tempo foi nomeado este rio de Padrão, e ora lhe chamam de Congo por correr per hum Reyno assim chamado ... posto que o seu próprio nome de rio entre os naturaes hé Zaire..."
- (4) *De rebus Emmanuelis gestis*, Conimbricae, 1791, vol. II, p. 28 (liv. III): fala das "gentes" que habitavam nos domínios do rei do Congo "quac insulam in medio ingentis lacus sitam incolunt, quam fluius nomine Zairus efficit..."
- (5) Plínio, *N.H.*, V, X (e não IX, como escreve Resende), 51-53. O nosso humanista limita-se a citar algumas frases que lhe interessam, como indicamos na tradução da n. 2, parafraseando o passo pliniano no resto que utiliza. Daí a alteração que se verifica quanto à Fonte Negra que Plínio descreve: "atque ubi sensit hominem (Nilus), prosilit fonte, ut uerisimile est, illo quem Nigrum uocauerunt." Sentimos neste passo como que uma personificação do Nilo "misantropo". Resende limita-se a escrever: "Quumque se rursus condiderit uiginti dierum desertis, prosilire tandem ad proximos aethiopas, fonte nigri uocato." Também é *Nigris* o nome indicado por Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Guiné*, cap. LXI (p. 266, ed. Civilização, de José de Bragança, Porto, 1973).

Etiópia, que é o nome usado então, mesmo pelos geógrafos mais reputados, como Duarte Pacheco Pereira e outros, para designar a África: as Etiópias, a Superior e a Inferior⁽⁶⁾. De forma igualmente vaga se usa o nome da Guiné, que se estende desde a actual Guiné até ao território de Angola, significando *grosso modo* a costa ocidental da África equatorial⁽⁷⁾. Apesar de a geografia não ser o objectivo deste trabalho, salientamos estas informações geográficas entre as quais avulta a omnipresença do Nilo como fonte dos rios da África Ocidental⁽⁸⁾, que em nada diferem das que são correntes em geógrafos e historiadores do século XVI, e que combinam a fidelidade às grandes autoridades da Antiguidade Clássica, como Plínio, Estrabão, Ptolomeu, Pompónio Mela, com o entusiasmo provocado pela recentes descobertas, numa fase em que se pensa confirmarem estas os ensinamentos dos Antigos. Ainda não há,

(6) Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, liv. I, cap. 27, (ed. Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1954-55): "as gentes que estas ethiopias abitam som negros..."; Cadornega (cit. n. 8) ainda se refere a Angola como "esta adusta Etiópia Ocidental" (século XVII).

(7) Duarte Pacheco Pereira, *ob. cit.*, refere "estas ethiopias de Guinee" em epígrafe do cap. 23, liv. I, e ao entrar na descrição do reino do Congo, liv. III, cap. 2, escreve: "em toda a outra Guinee nom ha terra em que saybam fazer estes panos senom neste Reyno de Conguo." De facto Guiné equivalia a toda a costa da África Ocidental, como em Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, cap. LVII: "Rey do Manicongo em Guinee muito alem da Mina..." (ed. de Coimbra, 1950).

(8) No respeitante ao rio Senegal, vid. Zurara, *ob. cit.*, cap. LX, que ao falar dos descobridores que "filharam" o rio Çanaga, os põe a falar e a dizer: "Certamente – disseram eles – nós somos acerca do rio do Nilo, que esta água bem parece que dele é, e por sua grande força corta o mar e entra por ele assim." (pág. 255); também Pacheco Pereira, *ob. cit.*, cap. 27 nos informa de que um braço do Nilo corre para a Etiópia Inferior, só que não o identifica com o rio do Congo, como vai fazer Resende. Ainda no século XVII, António de Oliveira Cadornega, *História Geral das Guerras Angolanas, 1680*, ed. J. M. Delgado, Lisboa 1972, vol. III, p. 186, dá-nos uma ideia assaz vaga do Nilo e dos seus braços: "e algumas pessoas que discursarão esta matéria têm para si serem braços do Nilo; o que huma pessoa não andou e vio com os olhos, se não pode fallar affirmativamente; o que se diz virem suas agoas de huma lagoa do íntimo do sertão, he por alguma noticia que disso deo por mayor o gentio de terra dentro, os quaes não são escriturarios e fallão em as materias conforme a sua barbaridade que de curiosos não têm nada." No entanto a descrição de Duarte Lopes-Pigafetta (séc. XVI) deixa-nos na dúvida quanto a considerarem o Zaire como braço do Nilo, uma vez que distinguem entre os diversos rios africanos e os pontos cardiais para que se dirigem. Vid. Duarte Lopes e Filippo Pigafetta, *Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas*, trad. e ed. de Rosa Capiacens, Lisboa, 1951, vol. I, p. 147: "onde o rio Nilo se vê nas ditas estações (das chuvas) de uma parte correr furiosíssimo daquelas terras para o Norte e regar o Egipto; e de outra parte, para o Ponente, o Zaire e o Niger; e para o Levante e para o Meio-Dia outros caudalosos rios, que em certos e determinados tempos, nunca deixam de encher-se à guisa do Nilo."

No respeitante à situação da ciência portuguesa, muito especialmente da geográfica, no século XVI e à sua dependência quanto às fontes antigas, é de grande utilidade o trabalho de difícil consulta, uma vez que não tem índice de nomes, de Joaquim Barradas de Carvalho, *A la recherche de la spécificité de la Renaissance Portugaise*, 2 vols., Paris, 1983.

julgamos nós, a consciência de que muitas das novas informações virão, isso sim, desmentir ou corrigir as velhas autoridades. Para os homens daquele tempo, a novidade vem complementar o antigo e, no caso vertente, vem trazer uma achega científica que constitui novidade absoluta no campo das Ciências Naturais: a existência do *asturjão* no rio do Congo.

No estado actual dos conhecimentos zoológicos é naturalmente de eliminar toda e qualquer hipótese de existência de esturjão no Zaire ou no Senegal, tal como dá a entender Resende. É o esturjão um peixe cujo *habitat* se situa no hemisfério Norte em zonas afastadas dos trópicos, do Mississipi ao Mar de Aral⁽⁹⁾. Contudo, mesmo tomando em conta as limitações da ciência da época, temos de tomar consciência de que Resende pretendia defender uma posição, já discutível na sua época, e que assentava sobretudo na presunção de que o esturjão é um *porco* da água, marinha ou fluvial. Eis o motivo da informação que nos vai dar.

Diz-nos que no rio Congo há um peixe a que os nativos dão o nome de *angulo amazi*, que é um peixe raro, que é pertença do rei, que sofrerá a pena capital quem dele dispuser para seu uso próprio. É pois um peixe da maior importância e certamente do melhor sabor. Existirá ainda hoje o nome que Resende refere?

Antes de termos chegado a determinar a língua africana que nos permita entender a informação resendiana, compulsámos outras fontes referentes ao Congo e muito em primeiro lugar a *Relatione del reame di Congo et delle circonvicine contrade tratta dalli Scritti et ragionamenti di Odoardo Lopez Portoghese per Filippo Pigafetta*⁽¹⁰⁾, que nos proporciona uma descrição muito mais pormenorizada do animal a que Resende se refere, animal "que tem duas quase mãos e a cauda do feito de uma adarga e se diz *Ambize Angulo*, isto é, peixe porco, por isso que é gordo qual o porco e tem carne boníssima, e dele se faz gasto e se conserva, nem sabor tem de peixe, posto que seja peixe, e não sai nunca da água doce, e pasta e é erva da margem, e tem focinho como de boi, e há deles que pesam 500 libras em grosso. Apanham-no os pescadores naquelas suas barquetas observando os sítios onde pasce, e depois com arpões ou físgas o ferem, e morto, o tiram fora das águas e o levam em

(9) Vid. *European inland Water Fish*, ed. M. Blanc, J. L. Gaudet, P. Banarescu, J. C. Hureau, ed. da FAO, Londres (s.d.); Wemer Ladiges e Dieter Vogt, *Die Sueszwasserfische Europas bis zum Ural und Kaspischen Meer*, Paul Parey, Hamburg und Berlin, (s.d.). Para mais informação vid. o meu art. cit. n. 1.

(10) A edição italiana é publicada em Roma, apresso Bartolomeo Grassi, 1591, p. 13. Foi traduzida e editada por Rosa Capiães, como indicamos na n. 8. A citação que fazemos em Português encontra-se no vol. I, p. 36.

postas a El-Rei, pagando a pena com a vida quem quer que o não fizesse."

As informações de Duarte Lopes-Pigafetta dão-nos uma ideia mais exacta do animal de que se trata, só que o nome não é *angulo amazi* como em Resende, mas *ambize angulo*. Sabemos contudo que se trata de um animal de grande corpulência, meio porco, meio boi, apreciado de tal forma que só pode ser manjar de rei, tal como nos dá a entender também o mesmo Resende.

Temos pois duas informações, uma de Resende anterior a 1572, ano da sua morte, outra, publicada em 1591. Podemos todavia acrescentar ainda mais uma que nos é dada no relato sobre o Congo contido no Ms. 8080 da BNL e que António Brásio intitulou de *História do Reino do Congo*, possivelmente do primeiro quartel do século XVII. No cap. 9, que trata dos *cavalos marinhos* e dos *peixes porcos* é-nos comunicado: "Há também *peixe porco*, que he o que no Brasil chamão *peixe boy* e a carne e toussinho semelhante à do próprio animal, tem por mãos cotozinhos à maneira de pás com que anda, ou rema dentro na agoa; não escrevo as particularidades deste peixe pois he notorio, principalmente á gente moradora no Brasil; chamam-lhe *ambisse-angulo*, que quer dizer peixe porco."⁽¹¹⁾

Esta descrição confirma a anterior quanto à denominação indígena do animal, pouco acrescenta à descrição morfológica do suposto peixe, mas relaciona-o, e isso é importante, com as terras do Brasil, dando a entender claramente que o seu A. lá estivera e que o peixe também lá existe e é bem conhecido.

Lemos de facto no livro de Pêro de Magalhães de Gândavo publicado em 1576 e que se intitula *História da Província de Santa Cruz* informações semelhantes sobre o peixe-boi: "E deixando á parte os peixes bois, os quaes sam tam grandes que os maiores pesam quarenta e cinquenta arrobas. Têm focinho como o de boi e dous cotos com que nadam á maneira de braços. As fêmeas têm duas tetas, com o leite das quaes se criam os filhos. O rabo he largo, rombo, e nam muito comprido: nam tem feição alguma de nenhum peixe, somente na pelle que se parece com toninha. "Também se diz que "pascem hervas" e que a sua gostosa carne se assemelha à do lombo de porco" e assim nam ha pessoa que o coma que o julgue por peixe, salvo se o conhecer primeiro."⁽¹²⁾

(11) Mn. 8080 BNL "*História do Reino do Congo*", publicado por António Brásio, Lisboa, 1969, pp. 35-36.

(12) *História da Província Santa Cruz Tratado da Terra do Brasil*, introdução de Capristano de Abreu, Editora Obelisco, São Paulo, 1964, p. 49. A *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* de Gândavo, também se encontra editada na *Revista do*

Neste passo de Gândavo é interessante notar que a pele do chamado "peixe" é comparada com a pele de um outro "peixe", que é a toninha, ou golfinho, uma vez que é lisa e é excelente para curtir, como nos virão a dizer outros autores. A comparação com o golfinho lembra-nos a tese de Resende que pretende identificá-lo com o nosso *solho* ou esturjão. Será no entanto este inofensivo animal aquático o mesmo que aparecerá entre os *mirabilia* da província de Santa Cruz descrito pelo mesmo Gândavo na forma de um "monstro marinho", o qual, como diz no capítulo IX, "se matou na capitania de Sam Vicente. Anno 1564." A cena passa-se numa "varzea que está pegada com o mar", quando uma escrava que vivia na casa da Capitania alerta para um monstro que andava nas imediações. Primeiramente não lhe é dado crédito, uma vez que a confiança na gente da terra não era muita, mas quando pela segunda vez a mesma escrava avisou o filho do Capitão que "andava ali huma cousa tam feia, que nã podia ser se nam o demonio", não teve aquele outro remédio senão sair "e vendo o monstro que elle lhe embargava o caminho, levantou-se direito pera cima como hum homem ficando sobre as barbatanas do rabo" o que permitiu ao jovem português dar-lhe uma estocada, não sem depois cuidar em afastar-se para não ser esmagado na queda pelo peso do monstro. E diz-nos Gândavo que "o retrato deste monstro, he este que no fim do presente capitulo se mostra, tirado pelo natural. Era quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha humas sedas mui grandes como bigodes." Mesmo que os índios da terra lhe chamem como nos informa *Hipupiàra* ou seja "demônio d'água"⁽¹³⁾, a verdade, é que, tal como nos indica o zoólogo Carlos Almaça⁽¹⁴⁾, de mais não se trata do que de um normal peixe-boi ou *manatim*, tal como se pode ver pela gravura. O monstro faz parte da galeria de animais fantásticos que virá a povoar a imaginação de descobridores e colonizadores portugueses no rescaldo das Descobertas e que contribuirá, não sabemos em que medida, para a sua quota parte da zoologia fantástica que será tema

Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, 21 (1858), pp. 329-388.

(13) Cap. IX "Do Monstro Marinho que se matou na Capitania de Sam Vicente, anno 1564", pp. 51-53 (ed. Capristano de Abreu). Vid. Fig. 1.

(14) Cito a separata que me foi oferecida juntamente com preciosas informações zoológicas, pelo meu Amigo e Colega Prof. Carlos Almaça, "The Beginning of the Portuguese Mammalogy", *Museu Nacional de História Natural*, Lisboa, 1991, 20 pp. com 59 figs.. O Prof. Almaça, p. 7, indica o nome do padre José Anchieta, como testemunha da existência do manatim das Índias Ocidentais (*Trichechus manatus*), ou *iguaragua*, na língua Tupi (referido numa carta de 1560), bem com o de Gândavo que "also supplied good descriptions of Brazilian mammals, with indigenous or Portuguese names. Gandavo (1567) described veados, antas, cotias ..., and even a monster, the hipupiàra, the devil of water, which was probably a manatee, an animal unfamiliar to the Portuguese."

literário na Europa civilizada⁽¹⁵⁾.

Algumas décadas depois vamos encontrar na *História dos Animais e Árvores do Maranhão* de Fr. Cristovão de Lisboa, irmão de Severim de Faria, a descrição tranquila do "peixe-boi" ou "guaraguan" a "usqua do mar" que "he da compridam de des ou doze palmos he grosso como hua vaqua he pardo cor de cimza tem as tripas e a forçura como hua uaqua e cria ceus filhos de leite e tem as mammas debaixo dos brasos o macho tem a sua natura tamanha como de caualos da propria forma do rabo tude he gordura, etc...." Começa, como vemos, a ser cada vez mais evidente a qualidade de mamífero do manatim, ainda que Frei Cristovão inclua o "Peixe-boi" na série dos Peixes, como aponta o zoólogo F. Frade no trabalho que dedicou à primeira edição da referida obra⁽¹⁶⁾.

No que respeita ao Congo e a Angola também não será este "peixe" esquecido pelos que da região se ocuparam. No finalizar do século XVII vemo-lo aparecer referido na obra de Cadornega nas páginas que dedica à geografia das regiões perto do Zaire, quando evoca os "negros Nambios" e as suas práticas de pesca: "tambem arpoão a peixes mulheres, o qual dando com elle he mais facil de matar, que basta ter o nome feminino para não ter muita fortaleza: he hum monstro, sem o ser de formuzura, visto os que são femeas em os peitos se vêem a modo de hubres, e nas mãos, estando esfolados, feição como dedos de gente; por estas duas semelhanças, se lhe dá aquelle apelido; seu peixe he como se fôra carne de porco, por isso lhe chama o

- (15) Por indicação amiga do Prof. Américo da Costa Ramalho é-nos possível indicar um exemplo de *mirabilia* ictiológico no *Memorial* de Pero Roiz Soares, ed. L. Lopes de Almeida, Coimbra, 1953, p. 465, com respectiva figura: "Em maio de 624 (1624) em que se fez este auto da fee ueio de castela o Retrato de h̄r peixe q̄ foi mandado a el Rey de frandes donde apressera e o mandarão a muitos fidalgos por muy autentico e uerdadeiro e portanto o mandei Retratar e por aqui e he o q̄ adiante se segue -" De facto a figura do peixe é monstruosa e algo caricatural, pois aparece com cara humana.
- (16) F. Frade, "Comentário Zoológico relativo à *História dos Animais e Árvores do Maranhão*, (1625-1631), de Frei Cristovão de Lisboa", *Garcia da Orta*, 14 (1966), pp. 343-350, Est. 1, figs. (a),(b). Trata-se da publicação do Ms. inédito (Códice nº 1660 do *Arquivo Histórico* do antigo Ministério do Ultramar) redigido por Frei Cristovão de Lisboa, irmão do erudito Severim de Faria. Reproduzimos a estampa que aparece na p. 164 do ms. na fig. 2. O trabalho de F. Frade ordena o comentário a Fr. Cristovão em observações ao *Nome Vernáculo*, às *Figuras* e ao *Texto*, que nos dá na íntegra, acrescentando-lhe *Observações* que facilitam o seu entendimento. Carlos Almaça, art. cit., pp. 7-8, depois de observar os mamíferos descritos por Fr. Cristovão entre os quais o manatim, observa: "Frei Cristovão's book would have predated Macgrav (1648)'s pionnier work on Brazil if he had found funds in Portugal to print it. In spite of Frei Cristovão's attempts he did not and the manuscript was lost for centuries..." Foi esta infelizmente a triste realidade portuguesa, que impediu uma transmissão mais generalizada das descobertas feitas no campo da ciência à Europa civilizada de então.

gentio peixe *angulo* (*angulo* na lingua da terra he porco; outros lhes chamam *cungi*), etc...."(17) Já estamos longe não da monstrosidade, mas da ferocidade de uma das descrições de Gândavo. Foca-se de novo as características de mamífero que o "peixe" tem, tal como fez Fr. Cristovão. Está o terreno preparado para que Lineu o venha a consagrar entre os *Sirenídeos* como *manatus*. Contudo, tal é o caso de muitos "peixes", os seus nomes regionais são uma série infindável e sugestiva.

Voltando finalmente a André de Resende e ao seu *asturjão-angulo amazi*, só nos faltaria saber qual a língua africana a que pertence *angulo* e de que fonte teria conseguido tão palpitante informação.

Para começar há que saber que língua se fala naquela zona da África Ocidental. Fala-se de facto ainda hoje o *kikongo*, língua Bantu, e não há dúvida que sendo o próprio nome de Angola proveniente do kik.*ngola*, também *angulo* é a réplica portuguesa do kik.*ngulu* que efectivamente significa *porco*. *Amazi*, porém significa *gordo* e não "das águas", tem no entanto uma conformação fonética muito próxima de *maza* que, essa sim, significa *água*. Em Kikongo porém *ngulu a maza* representa o hipopótamo, que Resende bem conhecia e cita no passo que apresentamos. Não podia pois haver confusão, mas sim qualquer pormenor de que se não deu conta, quando leu ou lhe relataram o caso. Se consultarmos o dicionário(18) vemos no entanto que há um outro animal a que o Kikongo dá o nome *ngulu ia maza* que é o *peixe-mulher* ou *peixe-boi* que virá a povoar a fantasia, como vimos, dos descobridores portugueses, por ser gordo, disforme e de grandes proporções. As duas denominações do Kikongo são pelo menos equivalentes.

Verificamos, por outro lado, que existe outra denominação para o peixe-mulher, que é a de *peixe-porco* e que nos é transmitida por duas fontes históricas: o *Relato* de Duarte Lopes-Pigafetta e o Ms. 8088 publicado pelo P. Brásio. Ambas se

(17) A. de Oliveira Cadornega, *ob. cit.*, vol. III, p. 68. Na n. 101, o seu editor, Pe. J. M. Delgado refere-se a *angulo*, dizendo-nos que se trata de "aportuguesamento de *ngulu*, porco" e que "em Kimbundu, *dikunji*, *makunji* - peixe mulher", é o *Manatus senegalensis*. Também Cadornega se dá ao trabalho de fazer um desenho do assim chamado "peixe"-mulher, que apresentamos na fig. 3.

(18) Devemos as primeiras informações sobre o Kikongo ao Dr. João Fernandes Mavinga, da Universidade de Luanda. Conseguimos depois encontrar no Instituto de Ciências Tropicais anexo ao Museu de Etnologia, fundado por Jorge Dias, *O Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo*, do Pe. António da Silva Maia, Cucujães, s.d. (1964), do qual colhemos as informações, em que fundamentamos a nossa conclusão. É triste como ainda hoje podemos verificar a ausência de material bibliográfico abundante relativo a paragens onde tantos séculos permanecemos. Efectivamente sabemos da existência de um dicionário *Kikongo-Français* publicado nos anos 30, mas cuja consulta não nos foi possível.

referem a um *ambize angulo* ou *ambisse angulo* respectivamente, tal como um século depois Cadornega, que nos falará de um "peixe *angulo*" sem mais nada acrescentar. Aparece-nos pois uma forma *ambize* ou *ambisse* que é fácil de esclarecer, uma vez que no mesmo Kikongo *mbizi a maza* significa muito simplesmente *peixe*. Haveria assim dois nomes para o manatim: um, atestado no dicionário de que dispomos: *ngulu ia maza* "porco da água"; outro, atestado por fontes dignas de credibilidade: *mbizi ngulu* "peixe porco". Muito embora esta última denominação não apareça atestada pelo dicionário, a sua constituição linguística não parece levantar muitas dúvidas quanto à sua legitimidade. Resende não nos dá, como podemos ver, a palavra correcta, difere inclusivé da informação linguística que nos é proporcionada pelas fontes históricas que se lhe seguem. Está contudo mais próximo da informação que colhemos do dicionário de Kikongo de que dispusémos: o seu *angulo amazi* é afinal de contas o *ngulu ia maza*, que ainda hoje nos dizem ser usado.

Já quanto à fonte utilizada pelo humanista não foi nem é tão fácil identificá-la. Tivemos a esperança de que aparecesse no primeiro relato que se conheceu em Portugal sobre o Congo e que foi elaborado pelo cronista da corte Rui de Pina na sua *Relação Sobre o Congo* escrita em 1492. O facsimile do manuscrito parcialmente transcrito por Francisco Leite de Faria⁽¹⁹⁾ nada nos dava a conhecer. Ainda alimentámos a esperança de nele encontrar alguma referência, uma vez que em breve apareceria o manuscrito completamente transcrito por Carmen Radulet. A informação que desta professora obtivemos é contudo negativa. Nada consta no manuscrito de Rui de Pina. Embora seja efectivamente quem escreveu a primeira descrição do Congo, nada relata que se refira a peixes do Zaire e muito menos ao *peixe porco* ou *porco das águas* de Resende. Isso não impede que um dia venhamos a conhecer a fonte escrita de Resende, se é que houve fonte escrita; na hipótese de ter sido fonte oral, hipótese verosímil, só o acaso nos poderia trazer tal informação. Por enquanto temos de nos contentar com o que sabemos, e que seja como for, já é muito importante: o *angulo amazi* de Resende, embora com uma forma errada de Kikongo, é uma das primeiras informações dadas ao mundo culto do finalizar do século XVI sobre o *manatus senegalensis* ou *trichechus senegalensis*, com a finalidade de introduzir um dado completamente novo na discussão europeia sobre a natureza do *sturio* e de afirmar a novidade científica que os Portugueses nos Descobrimentos ofereciam ao

(19) *Uma Relação de Rui de Pina sobre o Congo escrita em 1492*, por Francisco Leite de Faria, Vol. XVIII (secção de Lisboa), Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1966, do (Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga).

mundo, tanto no campo da geografia, como da etnologia, como da zoologia. Se a intenção foi coroada de êxito⁽²⁰⁾ não nos foi possível verificar, fica ela contudo aqui registada, uma vez que durante séculos passou desapercibida por se tratar de assunto tão exótico como raro.

(20) Referindo-se às informações que humanistas e homens cultos portugueses prestaram sobre importantes aspectos científicos ligados à zoologia, permitimo-nos salientar a observação pessimista mas realista do Prof. C. Almaça, *art. cit.*, p. 8, quanto ao êxito desse esforço de observação científica em relação ao mundo culto de então: "Unfortunately, all the information on Natural History gathered by the Portuguese authors of sixteenth and seventeenth centuries did not, even if printed in time, come into contact with the European scientific establishment. Consequently, their achievements were neglected for centuries."



Fig. 1 — «Hupipiára» de Gândavo

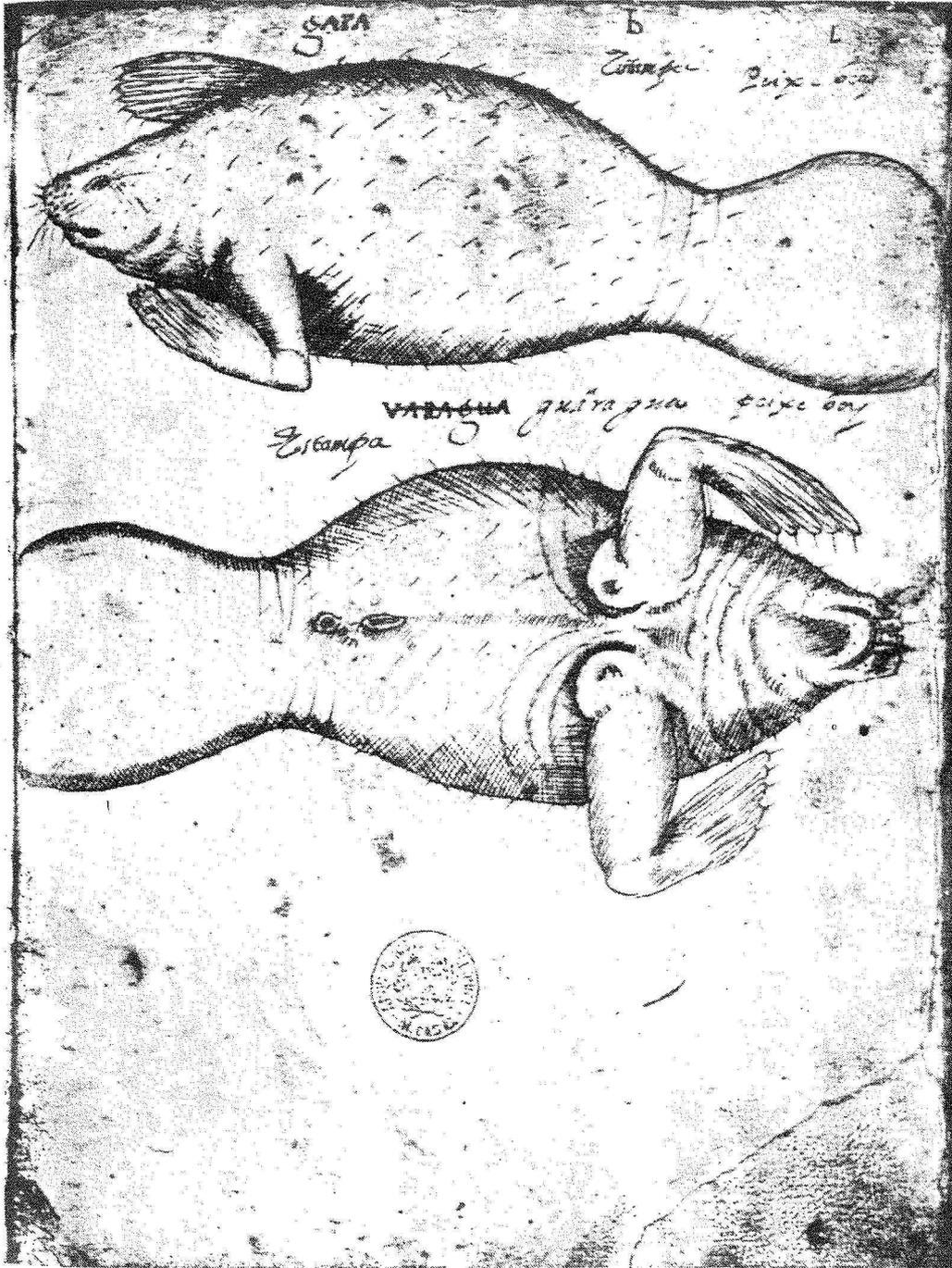
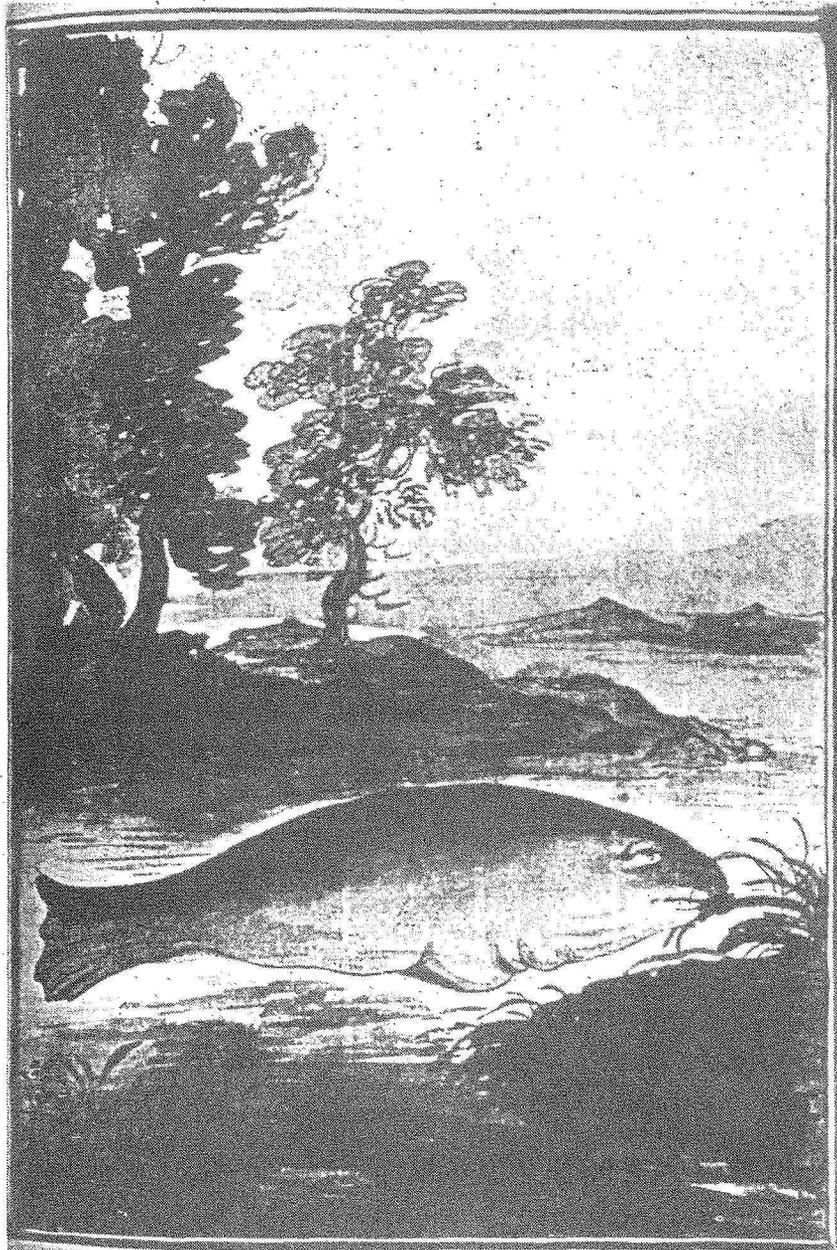


Fig. 2 — «Peixe-boy» — *Trichechus m. manatus* L. de Frei Cristóvão de Lisboa



Mostra o Autor em esta abuchá a forma dos Peixes Mulheres.

Fig. 3 — «Peixe Mulher» na História de Cadornega